



De um tom de modéstia a adoptar para já em filosofia: sobre os cem anos de filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Autor(es): Carvalho, Mário Santiago de
Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/29582>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851_40_7
Accessed : 24-Apr-2024 17:14:19

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 20 - número 40 - outubro 2011

vol. 20 - número 40 - outubro 2011

Fundação Eng. António de Almeida



DE UM TOM DE MODÉSTIA A ADOPTAR PARA JÁ EM FILOSOFIA. SOBRE OS CEM ANOS DE FILOSOFIA NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO*

Resumo: Celebrando o centenário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o autor passa em revista os principais autores ligados ao ensino da Filosofia; reconhece alguns núcleos filosóficos destes cem anos, tais como o neokantismo, o positivismo, o historicismo, a fenomenologia e a hermenêutica, além, é claro, da permanência dos estudos sobre o pensamento português; e o balanço que faz do centenário da Filosofia em Coimbra, marcado pelas circunstâncias políticas conhecidas, apelando à modéstia, evidencia também a necessidade da vigilância perante os novos desafios.

Palavras-chave: Filosofia; História da Filosofia no século XX; ensino da Filosofia; Escola de Coimbra; Filosofia em Portugal.

Abstract: Celebrating the centenary of the Faculty of Arts of the University of Coimbra, the author considers the protagonists who have taught philosophy and the main philosophical topics over these hundred years, viz neo-kantianism, positivism, historicism, phenomenology and hermeneutics, not to mention the permanence of the studies on Portuguese thought. Well known political circumstances were also decisive, an aspect that highlights the need for a permanent

* Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (Faculdade de Letras U.C). Desejo agradecer aos colegas que se prestaram a dar-me todas as informações necessárias para a elaboração deste texto, a quase transcrição da participação do autor nos 100 Anos da FLUC. O meu agradecimento também para os alunos de Filosofia em Portugal dos anos lectivos 2008-2010. A leitura da presente contribuição poderá ser lida também na sequência de A.F. Morujão, “Meio século de Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra (1945-1995)”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 51 (1995) 244-247.

philosophical vigilance as well as some modesty concerning the balance on these hundred years.

Keywords: Philosophy; 20th. Century History of Philosophy; teaching of Philosophy; School of Coimbra; Philosophy in Portugal.

1.

Fora eu homem de literatura e estaria prestes a falar-vos do delfim e da âncora, símbolos que o editor veneziano Aldo Manuzio imprimiu – recorde-se que no momento mais alto da história da Filosofia coimbrã foi a Veneza que Pedro da Fonseca mandou fazer Biblioteca¹ – que Manuzio, dizia, imprimiu para ilustrar o mote latino “festina lente” (apressate lentamente). Pretendia ele assinalar ou representar “a intensidade e a constância do trabalho intelectual”, imperativo e pragmática de qualquer labor ou meditação que também se queira filosófica². Sem poder aceder a tão notória categoria refugiar-me-ei sobretudo na designação dos nossos maiores mas, evitando cair na *abusio* da arriscada nomeação – como se de súcubos ou incubos que nos usurpam a vida se tratasse (no fim de contas mais destes do que daqueles) – correspondendo nesta ocasião a tão insensato pedido, vejo-me quase na contingência de me amparar no ensinamento do nominalismo, quando, como em Shakespeare³, se encena nada mais haver no nome do que o seu *nominatum*. Não sabendo, no entanto, se assim é, ou mesmo se assim deve ser, apelo a que se veja nalguma exuberância da onomástica a seguir não apenas a condição precária em que se encontra a nossa investigação, mas a urgência do que resta fazer: aprofundar os pensamentos, os problemas e as questões de tantas pessoas reais que conosco viveram e sofreram, comprometidas (para o bem e para o mal) e situadas (com mais ou menos limitações), com as suas reflexões filosóficas, sempre por acabar, como quer a autêntica filosofia. Dito isto, não podia esquecer os protagonistas silenciados, os milhares de

¹ Cf. M.S. de Carvalho, “Introdução Geral à Tradução, Apêndices e Bibliografia”, in *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus Sobre os Três Livros Da Alma de Aristóteles Estagirita*. Tradução do original latino por Maria da Conceição Camps, Lisboa 2010, 28.

² I. Calvino, *Seis propostas para o próximo milénio*, trad., Lisboa 2002, 64. O autor refere também Paolo Giovio que escolheu a borboleta e o caranguejo para ilustrar o mesmo mote.

³ Cf. W. Shakespeare, *The Comedy of Errors* III 1, 31-2 e III 1, 98-104, ed. by R.A. Foakes, London Cambridge 1963; cf. T.G. Bishop, *Shakespeare and the Theatre of Wonder*, Cambridge 1996, 81.

licenciados, mestres e doutores, mas sobretudo, durante mais de sessenta anos, todos os milhares de licenciados que durante decénios após decénios foram os principais responsáveis pelo paulatino restabelecimento de um silêncio, pela abolição de um vazio no panorama europeu do qual, no entanto, ainda não nos é possível traçar um quadro minimamente ponderado. Consiste sobretudo neles, como se sugerirá, o grande legado do curso de Filosofia em Coimbra. Por isso, a todos esses que não deixaram morrer a Filosofia, i.e., a meditação aprofundada, a crítica vigilância e a intransigente analítica, a todos os anónimos que não saberia conclamar nesta solene ocasião, dedico esta singela mas emocionada nota fazendo votos para que a historiografia nacional facilite o trabalho a quem me tiver de suceder com pompa e mais saber no centenário que há-de vir.

2.

Em 1866 nasce Alves dos Santos, o primeiro professor do Grupo de Filosofia da recém-criada Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1911), e em 1971 e em 1972 nascem, respectivamente, Luís António Umbelino e Alexandre Franco de Sá, os dois mais novos professores da secção de Filosofia do novel Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, os quais, neste momento de penúria e crise em que vos falo, nem sequer poderia dizer se algum dia poderão ter continuadores. Justifica-se, por isso, perguntarmos se ao festejarmos o centenário não divisamos já um fim anunciado?

Nesta diferença de cento e seis anos reside a grave história do ensino da Filosofia na nossa Faculdade, cuja criação, ao lado da sua congénere de Lisboa, há muito requerida⁴, resgatava um sombrio, secular e anómalo silêncio no quadro europeu. Sem ser preciso recordar as breves mas incisivas palavras de Hegel no Prefácio à 1ª edição da *Ciência da Lógica* sobre ser “digno de nota quando um povo perde a sua metafísica”⁵, fiquemos com o acertado reconhecimento de Delfim Santos – uma das figuras mais salientes da Filosofia do nosso país, e cuja tese doutoral, *Conhecimento*

⁴ Cf. J.F. Gomes, “Dois Projectos de Lei do século XIX para a criação de Cursos ou Faculdades de Letras” *Biblos* 60 (1984) 520-545. No Apêndice I reproduzimos o plano de estudos da fundação (Diário do Gov. nº 195, 22.08.1911); no Apêndice II o plano antecedente, do Curso Superior de Letras, retirado de R. de Carvalho, *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da Nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa 1986, 593.

⁵ G.W. F. Hegel, *Ciência da Lógica. Prefácio*. Apud G.W.F. Hegel, *Prefácios*. Trad., introd. e notas de Manuel C. Ferreira, Lisboa 1999, 105.

e *Realidade* (1940), seria arguida em Coimbra perante Vieira de Almeida e Joaquim de Carvalho – respeitante à omissão da metafísica entre nós, facto que desde o longínquo e excelente século XVI nos separou inexoravelmente da restante Europa filosófica⁶.

Hoje a situação é distinta e as repercussões da filosofia feita em Coimbra não chegam só ao nosso continente – veja-se o prestígio dos nossos docentes, já no aproveitamento dos vários programas europeus, já da sua expressiva presença como convidados nos maiores Congressos de especialidade e nas mais relevantes Sociedades Científicas – mas têm expressão inter-continental. Além disto, através da U.I.&D. LIF/Linguagem, Interpretação e Filosofia – precedida, primeiro, pelo “Centro de Estudos de Filosofia e História da Cultura” do Instituto de Alta Cultura⁷, e depois pelo Projecto “Tradição e Crise”⁸ –, a nossa Secção comparece nos itinerários de alguns dos mais prestigiados pensadores. Desta honrosa dimensão imigratória – embora cuidando sempre do perigo colonizador que continuamente nela pode espreitar –, dão testemunho, embora incompleto, e entre outras iniciativas (sobretudo colóquios, seminários, palestras, etc.) algumas Actas publicadas ou a publicar sobre “Mal, Sími-

⁶ Cf. F. Nef, *Qu'est-ce que la métaphysique?*, Paris 2004; vd. M. S. de Carvalho, *Il destino della metafisica nella modernizzazione dell'università portoghese all'epoca di Luís António Verney (1713-1792)* (no prelo). Nos Apêndices III e IV reproduzimos os planos do século XVI/XVII e no Apêndice V o da Reforma pombalina (este último, in R. de Carvalho, *História do Ensino em Portugal...* 479). Para a alusão à passagem de Delfim Santos por Coimbra, vd. Sílvio Lima, “Discursos”, *Biblos* 20 (1944) 561-63; veja-se também agora “Delfiniana. Site de Estudos sobre Delfim Santos”, in <http://www.delfimsantos.org/> (acedido em Outubro de 2010).

⁷ Cf. as duas Séries, “Cultura Portuguesa” e “Filosofia” que desde 1957 publicaram preciosos trabalhos e teses académicas, tais como: J.M. da C. Pontes, *Estudo para uma Edição Crítica do Livro da Corte Enperial*, Coimbra 1957; F. Stegmüller, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI*, Coimbra 1959; J.S. da S. Dias, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra 1960; Pedro da Fonseca, *Instituições Dialécticas*, Coimbra 1964; J.M. da C. Pontes, *Pedro Hispano Portugalense e as Controvérsias Doutrinárias do Século XIII - A Origem da Alma*, Coimbra 1964; J.F. Gomes, *Martinho de Mendonça e a sua Obra Pedagógica*, Coimbra 1964; Pedro da Fonseca, *Isagoge Filosófica*, Coimbra 1965; J.S. da S. Dias, *A Congregação do Oratório de Lisboa. Regulamentos Primitivos*, Coimbra 1966; A.F. Morujão, *Mundo e Intencionalidade. Ensaio sobre a Noção de Munda na Fenomenologia de Husserl*, Coimbra 1961; V.R. da C. Matos, *O Acesso à Filosofia Platónica. I- Problema Metodológico*, Coimbra 1963; G. de Fraga, *De Husserl a Heidegger. Elementos para uma Problemática da Fenomenologia*, Coimbra 1966; M.B. Pereira, *Ser e Pessoa. Pedro da Fonseca I- O Método da Filosofia*, Coimbra 1967.

⁸ Cf. AA.VV., *Tradição e Crise I*, Coimbra 1986.

bolo e Justiça”⁹; “Sociedade Civil”¹⁰; “Filosofia Analítica”¹¹, “Retórica”¹², “Lógica e Argumentação”¹³; “Espaços Públicos, Poder e Comunicação”¹⁴; “Método(s)”¹⁵; “Nicolau de Cusa”¹⁶; “Hegel”¹⁷; a auto-referencialidade¹⁸; “Derrida”¹⁹ ou ainda “William James”²⁰.

3.

Ao iniciar-se qualquer sobrevoou pelos cem anos de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) convirá ter presente que as cátedras europeias de Filosofia nos finais do século XIX eram maioritariamente neokantianas²¹, podendo já entrever-se como a separação levada a cabo pela epistemologia neokantiana entre investigação histórica e investigação filosófica poderia ser anulada pela criação de uma licenciatura em Histórico-Filosóficas, concretizada pela Ditadura Militar (1926-32)²². Além do mais, costumando-se dividir o século XX em dois períodos, o da primeira metade da centúria é comumente caracterizado como de uma “filosofia moribunda”, dominada pelos quatro preconceitos das monovalências da disciplina, do método, da verdade e do tema²³. Inde-

⁹ Cf. M^a L. Portocarrero (coord.), *Mal, símbolo e justiça*, Coimbra 2001.

¹⁰ Cf. A.M. Martins (coord.), *Sociedade civil: entre miragem e oportunidade*, Coimbra 2003.

¹¹ Cf. H.J. Ribeiro (coord.), *1º Encontro Nacional de Filosofia Analítica*, Coimbra 2003.

¹² Cf. H.J. Ribeiro (coord.), *Rhetoric and Argumentation in the Beginning of the XXIst Century*, Coimbra 2009.

¹³ Cf. H.J. Ribeiro e J.N. Vicente (coord.), *O lugar da lógica e da argumentação no ensino da Filosofia*, Coimbra 2010.

¹⁴ Cf. E.B. Pires (coord.), *Espaços públicos, poder e comunicação*, Porto 2007.

¹⁵ Cf. D. Ferrer (coord.), *Método e métodos do pensamento filosófico*, Coimbra 2007.

¹⁶ Cf. J.M^a André e M. Alvarez-Gómez (coord.), *Coincidência dos Opostos e Concórdia. Caminhos do Pensamento em Nicolau de Cusa*, Coimbra 2002.

¹⁷ Cf. E.B. Pires (coord.), *Still Reading Hegel. 200 Year after the Phenomenology of Spirit*, Coimbra 2009.

¹⁸ Cf. E.B. Pires (coord.), *Relations of the Self*, Coimbra 2010.

¹⁹ Cf. F. Bernardo (coord.), *Derrida à Coimbra*, Viseu 2005.

²⁰ *William James and Pragmatism*, foi o tema da mais recente iniciativa da LIF (Novembro de 2010).

²¹ Cf. J. Hirschberger, *Geschichte der Philosophie*. Bd. II: Neuzeit und Gegenwart, Freiburg im Breisgau ¹²1980, 571.

²² No Apêndice VI encontrar-se-á o Plano do Curso da Reforma acima aludida.

²³ Fritz Heinemann, “Destino e Missão da Filosofia no século XX”, in Id., *A Filosofia no século XX*. Trad. e Prefácio de A.F. Morujão, Lisboa 1969, 276-77, a saber: numa ciência

pendentemente do que se vier a dizer sobre esta avaliação sumária, haverá mais unanimidade, decerto, na definição dos outros tantos veios nucleares da Filosofia do século de que acabámos ainda há pouco de nos despedir: qual, no continente europeu, a preponderância da história da filosofia, das filosofias da vida, da fenomenologia, da ontologia ou metafísica e das filosofias da existência; ou, no continente americano, do pragmatismo, do instrumentalismo, do positivismo lógico e das escolas analíticas²⁴. Ora, por razões alheias àquele aparentemente infausto cenário, o contraste com a situação coimbrã obriga-nos à adopção de alguma modéstia: não exclusivamente, valha a verdade, por defeito das personagens, mas por deletérios imperativos exógenos, de todos conhecidos.

Sob o signo do positivismo Alves dos Santos (†1924), professor proveniente da extinta Faculdade de Teologia, assume a cátedra de Filosofia na recém-criada FLUC, recebendo a incumbência do ensino e da investigação da Psicologia – tal era o Programa da sua cadeira de Filosofia I. Tirante o caso Bernardo Augusto Madureira († 1926), que foi transferido para o 6º Grupo precisamente no ano da sua aposentação (1914/15)²⁵, a A. dos Santos juntou-se o assistente Joaquim de Carvalho (†1958), figura tutelar dos estudos no campo do pensamento filosófico português – ele deixou o seu traço em Sebastião da Silva Dias (†1994)²⁶, Joaquim Ferreira Gomes (†2002)²⁷, Esteves Pereira (1944-)²⁸, Fernando Catroga (1945-), Amadeu de Carvalho Homem (1945-) ou Amândio Coxito (1936-)²⁹ – mas, pelo seu lado, indiscutivelmente marcado pelo domínio do neokantismo, quer dizer, pelo predomínio das questões do conhecimento e de alguma desvalorização da metafísica³⁰. Foi sob a orientação de J. de Carvalho que o

filosófica fundamental (lógica, metafísica ou ontologia); *num* método filosófico sem excepções (analítico ou dialéctico); *numa* definição da significação ou da verdade e *num* tema filosófico (v.g. esclarecimento de palavras e de proposições ou esclarecimento da existência).

²⁴ Cf. F. Heinemann, “Destino...” 255-79; J. Hirscherger, *Geschichte...* 571.

²⁵ Cf. M.A. Ferreira Deusdado, *A Filosofia Tomista em Portugal*. Trad., prefaciado e actualizado por P. Gomes, Porto 1978, 83-86.

²⁶ Convidado em 1958, a S. da S. Dias foi concedido o grau de doutor em 1961, tendo passado a catedrático em 1970; vol. *supra* n. 7.

²⁷ J.F. Gomes doutorou-se em 1965, com uma dissertação intitulada *Martinho de Mendonça na sua Obra Pedagógica*; *vd. supra* n. 7.

²⁸ J. Esteves Pereira doutorou-se em 1980 com uma tese intitulada *António Ribeiro dos Santos. O pensamento filosófico-político*.

²⁹ A. Coxito, “Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa. Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento” *Revista Filosófica de Coimbra* 1 (1992) 299-308.

³⁰ Cf. W. Flach & H. Holzhey (hrsg.), *Erkenntnistheorie und Logik im Neukantismus*, Gerstenberg 1981.

antigo Instituto de Psicologia Experimental passou no princípio dos anos 50 a Instituto de Estudos Filosóficos, depois dirigido por Arnaldo de Miranda Barbosa, Alexandre Fradique Morujão, Miguel Baptista Pereira, por mim próprio e ainda por Edmundo Balsemão Pires e Diogo Ferrer, e agora que passámos a integrar um Departamento (DFCI), por Maria Luísa Portocarrero.

Cada um à sua maneira, A. dos Santos de um modo mais interventivo na política, J. de Carvalho, num campo menos empenhado na gestão da coisa pública, estas duas primeiras figuras do Grupo de Filosofia comprometeram-se inequivocamente com os ideais da República³¹, tendo o então professor estanciado no estrangeiro – outro timbre dos doutorandos até hoje –, no seu caso para se actualizar nos conhecimentos da ciência e da prática laboratorial psicológica e pedagógica, disciplinas que se mantiveram vinculadas ao Grupo de Filosofia até ao aparecimento do Curso Superior de Psicologia no seio da nossa Universidade (1977). Observemos que data de 1970 a última tese de doutoramento nesta área, na nossa Faculdade, defendida por José Pires Ferreira da Silva, mas, dito isto, convirá talvez agregar, em jeito de provocação, que, sendo a presença da Psicologia uma herança do século XIX, talvez então entre nós a entrada da Filosofia no novo século só possa ser apontada para a década de 70.

Sobre a primeira fase da história da Faculdade de Letras deveríamos ainda mencionar, para sermos exaustivos, primeiro, os nomes dos dois professores nomeados por Leonardo Coimbra, na sequência de uma famigerada intervenção (1919) que visava a abolição do ensino da Filosofia entre nós, Newton de Macedo (†1944)³² e Pinheiro dos Santos (†1950)³³. Depois, o de Manuel Serras Pereira (1889-??) o qual, embora também não tenha chegado a leccionar entre os anos 1921-23, foi autor de uma dissertação doutoral – quiçá a primeira defendida na FLUC após a de Joaquim de Carvalho – sobre a “solidariedade psicofísica” entendida como “o problema fundamental da psicologia”³⁴. Sem dúvida que a reforma do ministro e filósofo L. Coimbra pretendia ser consonante com o novo

³¹ Permito-me remeter para a palestra (ainda inédita) de Luís Reis Torgal, sobre os 100 Anos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde o distinto historiador mostrou muito bem a implicação de Alves dos Santos com a República; vd. Apêndice X, com o curriculum de 1918.

³² Cf. Pedro Baptista, *A Pluralidade na Escola Portuense de Filosofia - O pensamento moral e político de Newton de Macedo*, Lisboa 2010.

³³ Cf. Pedro Baptista, *O Filósofo Fantasma - Lúcio Pinheiro dos Santos*, Sintra 2010. Corrigimos a afirmação que fizemos sobre a licenciatura de L.P. dos Santos no nosso “Filosofia e Universidade. Em torno de um Episódio da História da Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra. ‘In memoriam Michaelis B. Pereira’” *Revista Filosófica de Coimbra* 17 (2008) 26. Agradecemos a P. Baptista o reparo que nos fez.

³⁴ M.S. Pereira, *A tese escolástica do composto humano*, Coimbra 1923, xiii.

espírito das filosofias da vida – tal era o motivo, embora crítico, do seu “criacionismo”³⁵, com franca abertura às ciências. Todavia, sem podermos discutir aqui o real horizonte da sua intervenção, não podemos acompanhar na íntegra, como se verá de seguida, e concretamente no que aos dois docentes de Filosofia podia dizer respeito, a acusação de “insulamento tomista” que explicitamente subjazia à motivação política leonardina. Talvez o Ministro da Instrução tenha confundido apressada e ingenuamente a cultura programática e superior da História da Filosofia, inequivocamente presente nas teses de J. de Carvalho, com o vício coisista que, como o caracterizou Delfim Santos, “não tendo razão de ser (...) mas antes de não-ser”, é “fiel expressão do senso comum ou da táctil inteligência que interpreta ideias e conceitos como consistentes e subsistentes...”³⁶ No fim de contas, o coisismo seria a tentação da reificação enquanto tendência da razão para objectificar aquilo que deve ser antes tema de descrição.

Tentando contrariar assaz bizarra intervenção ministerial, um texto anónimo emanado do claustro docente da FLUC reivindicará a “ausência de dogmatismo” no magistério filosófico dos seus docentes e a inexistência de “um compêndio para o exame” nas aulas teóricas. Sublinhava também o incitamento à “liberdade criadora”, tónica posta na “desobstrução” necessária à investigação textual e ao comentário filosófico³⁷:

³⁵ Cf. L. Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, Porto 1958, 18-23. No Apêndice VII reproduzimos a proposta de Reforma de Leonardo Coimbra.

³⁶ L. Coimbra, *O Criacionismo...* x.

³⁷ De facto, o estudo da origem e evolução dos problemas em História da Filosofia era acompanhada, lia-se no mesmo opúsculo, da preocupação de familiarizar os alunos “com os textos, considerados, não como fósseis, mas como estádios vivos do pensamento humano” – exemplificando-se mesmo: “Na filosofia helénica, comentaram-se, em face do próprio original grego, alguns fragmentos dos ante-socráticos; e inquiriu-se da leitura e entendimento do *Fédon*, *Apologia de Sócrates*, etc., de Platão. (...) Na filosofia medieval, estudaram-se em particular as origens da escolástica e as suas primeiras manifestações, comentando-se S. Justino, Orígenes, Alcuíno e Escoto Erígena; e na história da filosofia moderna, expôs-se largamente o período do renascimento [observemos que, sob este ponto de vista, João Maria André sucede efectivamente a J. de Carvalho], um pouco por método, muito pela ampla lição de humanidade e de actividade pessoal, que colhe quem entra no seu convívio. Última cadeira do curso filosófico, em vez de se expor o seu objecto em extensão, estudava-se de preferência um período ou um filósofo, para que os alunos aprendessem integralmente e sob todos os aspectos um sistema filosófico, e na sua intimidade colhessem uma lição viva do que é e representa para o homem a filosofia. Descartes foi, por excelência, o filósofo comentado; e do espírito de iniciativa que alguns alunos acusaram reza a tradução colectiva dos *Princípios do conhecimento humano*, de Berkeley.” (*A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País*, Coimbra 1919, 48); vd. também o nosso “Filosofia e Universidade. Em torno de um Episódio da História da Filosofia na Facul-

«O ensino da filosofia não teve nunca um carácter confessional ou livresco. O prof. [sc. Alves dos Santos] e o assistente desta secção [sc. Joaquim de Carvalho], quaisquer que fossem as suas opiniões – e não são escolásticas, como o provam os seus trabalhos, incutiram sempre aos alunos a mais ampla e criadora liberdade, curando mais de lhes despertar o filosofar que sugerir propriamente uma filosofia, exigindo-lhes apenas probidade intelectual. A oposição das teorias e dos sistemas era desenvolvidamente exposta, precisamente para que o aluno, apercebendo-se da relatividade e variabilidade dos problemas filosóficos e das suas soluções, atingisse com plena independência mental essa desobstrução do espírito, que é a dúvida metódica, e em vez da satisfação do saber possuísse a actividade viril do duvidar, corrigir e avançar o já sabido. Por isso a iniciação nos métodos de investigação e correcção, as leituras e comentários de textos tinham um tão grande lugar na actividade docente desta secção.»³⁸

Continuando, os professores não defendem em lógica, ou talvez melhor em teoria do conhecimento (nesta inflexão se irá distinguir uma parte do ensino da Filosofia entre Lisboa e Coimbra³⁹):

«...nenhum formalismo, e em vez das sùmulas, medievais ou modernas, os inquietantes e sugestivos problemas do conhecimento, ensinados não só como esfera particular da especulação filosófica, mas como complemento dos estudos de psicologia.»⁴⁰

Também em moral os dois docentes incitavam à adesão livre a um sistema e à importância de uma ética laica na democracia portuguesa⁴¹, chegando mesmo a enunciar-se outros tantos autores contrastantes para as aulas práticas, Kant – cujos *Fundamentos da Metafísica dos Costumes* havia sido traduzido por um aluno, enquanto um outro traduzira o comentário de A. Buchenau, *A doutrina kantiana sobre o imperativo categórico*,

dade de Letras de Coimbra. ‘In memoriam Michaelis B. Pereira’” *Revista Filosófica de Coimbra* 17 (2008)” 38, Apêndice V deste mesmo artigo.

³⁸ *A Faculdade...* 45-46.

³⁹ Mais do que a Vieira de Almeida (acerca do qual se poderá ver o nosso estudo “Vieira de Almeida e a ‘tranchée’ de Agostinho. Sobre a História da Filosofia”, *Revista Filosófica de Coimbra* 19 (2010) 235-272), alude-se acima sobretudo a Edmundo Curvelo (1913-1954), bastante mais sensível a uma parte do *logos* norte-americano; vd. competente texto divulgador desta personalidade in http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmundo_Curvelo

⁴⁰ *A Faculdade...* 47.

⁴¹ *A Faculdade...* 47: “Em Moral, dada a pequena duração do curso, versava-se sobretudo o problema da obrigação moral, comprazendo-se o Prof. em solicitar a actividade dos alunos para uma solução pessoal ou a adesão consciente a um sistema, patenteando-lhes o valor cultural e humano dos problemas éticos e a sua importância na democracia portuguesa, dentre outros motivos, pela separação do estado e das confissões religiosas.”

– e J.-M. Guyau (voltaremos a este autor a propósito de Sílvio Lima). O libelo acrescenta ainda que na Filosofia Moderna os alunos haviam traduzido em conjunto G. Berkeley, e valeria a pena – acrescentamos nós agora – repararmos neste fantástico gesto colectivo que cedo preza as núpcias de Filologia com Mercúrio e que se mantém até hoje mais ou menos incólume.

Tudo leva a crer que o espírito de Comte habitualmente detectado na fundação das escolas deste período podia ser mitigado. Sendo certo que o positivismo ainda imperava no autor do *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*, A. Buchenau é nem mais nem menos que o editor do *Opus postumum*, uma das chaves na interpretação da transição do kantismo para o idealismo alemão. E outro tipo da mitigação se há-de perceber na tese de Miguel S. Pereira, apesar de criticamente recebida pelo filósofo de Lisboa Vieira de Almeida, tese que denunciava “a viciosa” dupla “formação do espírito filosófico das gerações modernas e contemporâneas”, a saber, o de uma ciência sem crítica e o de uma filosofia sem ciência⁴².

Mal andaria quem identificasse o primeiro ensino da Filosofia na FLUC com a História da Filosofia, de cariz positivista como às vezes se faz, designadamente se tivermos em vista a já referida reforma de 1930, à qual ainda voltaremos. Não ignoramos, como ficou dito, que J. de Carvalho foi mestre incontestável e corifeu inaugural desta disciplina entre nós, nomeadamente com acentuação do pensamento lusitano e a criação do paradigma necessário para a autonomização de um Instituto de História das Ideias (1976). Essa autonomização ocorrerá com a intervenção do notável investigador que foi Silva Dias, regente da cadeira de Filosofia em Portugal entre 1958 e 1979 após o que transitou para a Universidade Nova de Lisboa. Temos para nós que a prática filosófica da História da Filosofia, por J. de Carvalho, pelo cultivo da autenticidade, do rigor e de

⁴² M.S. Pereira, *A tese...*, xii: “A razão última da negação da possibilidade do conhecimento; a negação da proporcionalidade entre a causa e o efeito está na viciosa formação do espírito filosófico das gerações modernas e contemporâneas. Esse vício manifesta-se de duas maneiras: Ora existe apenas uma cultura científica, sem qualquer elevação crítica, ora uma cultura filosófica, sem qualquer elevação científica. Este segundo defeito é a característica da actual filosofia literária. O primeiro grupo pretende limitar-se ao facto puro; qualquer juízo de síntese é rejeitado por metafísico; todavia esta pretensão é ilusória e mais de um agnóstico discute sobre o problema da vida e sobre a constituição da matéria. O segundo grupo pretende limitar-se à ideia pura, à razão pura e daí resulta um verbalismo confuso, que aniquila o único mérito possível de uma tese desta natureza – o mérito literário. De facto, uma análise sem síntese é tudo menos ciência, uma síntese sem análise é tudo menos filosofia.” (actualizámos a ortografia). Dever-se-ia conferir estas palavras com as aparentemente paralelas de A. dos Santos que reproduzimos no nosso “Filosofia...” 29.

algum horizonte filosófico ressoará ainda num dos programas que viremos a encontrar no limiar de 1974, partilhado por Victor de Matos e Baptista Pereira⁴³. Não teríamos grande pudor em aproximar a importância que J. de Carvalho concedeu à História da Filosofia com a seguinte meditação de M.B. Pereira ao escrever taxativamente o seguinte:

“Estabelecer a comunicação objectiva e crítica com o passado, esclarecer o significado do nosso enraizamento temporal, investigando criticamente os possíveis contextos da nossa referência à tradição, sob pena de ruptura da nossa consciência do mundo e da consequente obnubilação de sentido, são tarefas que especificamente incumbem às ciências humanas praticadas nas Faculdades de Letras.”⁴⁴

A vastidão e o ineditismo da investigação de J. de Carvalho estendeu-se tanto à História da Cultura e da Ciência e da Crítica, quanto à Filosofia estritamente considerada e ao Pensamento Político. Sem nunca se desligar da marca de licenciado em Direito, a dissertação doutoral em Letras, *António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença* (1916), a que se seguiu o texto de concurso *Leão Hebreu, Filósofo. Para a História do Platonismo no Renascimento* (1918), e apesar dos títulos que encarnavam a sua convicção romântica de que o génio de um povo livre se reconhece na filosofia⁴⁵, J. de Carvalho demonstrava “ser pensador ou investigador de ideias encarnadas, colhidas da sua própria realidade viva e vital, em qualquer época da história do pensamento, desde a Idade Média até ao século XIX, desde o Renascimento até ao século XX. E em todos os domínios da pesquisa doutrinária: na evolução da metafísica tradicional e escolástica, na libertação da reflexão livre do Humanismo, na história da ciência moderna, do racionalismo cartesiano, da filosofia das Luzes, do idealismo alemão, correntes de que tinha um conhecimento profundo

⁴³ Cf. M.S. de Carvalho, “‘Aliqua est effectibilis, ergo aliqua effectiva’. Originalidade e novidade em Filosofia” *Itinerarium* 55 (2009) 311-327.

⁴⁴ M.B. Pereira, “Considerações sobre a dimensão científica da Faculdade de Letras” *Biblos* 59 (1983) 16.

⁴⁵ Joaquim de Carvalho, *Obra Completa* I, Lisboa 1978, 3: “Este é o primeiro de uma série de estudo que queremos dedicar à História da Filosofia Portuguesa. Apesar de contestada por uns, indiferente à maior parte, mas aproveitada por estranhos, pensámos sempre que o Génio Nacional, como unidade viva e livre, se deveria reflectir na Filosofia. Com efeito, se uma nacionalidade é em si um produto espiritual, para nós mais representativo do que a comunidade de interesses (...), se, por um lado, a filosofia não é um estéril e vão exercício da inteligência, mas uma exigência imperiosa do espírito, o que impede teoricamente que um povo livre, na plenitude da sua autonomia, se afirme e reconheça, independentemente de outras manifestações, na Filosofia?”

e amplo, e com os quais sabia relacionar, de maneira científica (isto é, com ‘ostinato rigore’), os autores portugueses que mais amava, de Francisco Sanches a Verney, de Ribeiro Sanches a Antero de Quental.”⁴⁶ Não corporizava, afinal, J. de Carvalho, aquela situação do pensar segundo a qual “toda a construção filosófica (...) deve necessariamente assentar na fidelidade à *experiência da historicidade*, originária pela sua radicalidade e nova pela diferença e mediação, que entretecem o acontecer”⁴⁷?

Além da sua prestimosa acção como editor de Filosofia, mormente na direcção da Imprensa da Universidade de Coimbra, recordemos por fim ainda duas notas sobre a acção de J. de Carvalho. Primeiro, a honra de editar a *Revista Filosófica* (1951-57), intervenção tão importante que, vale a pena assinalá-lo, após uma efémera tentativa corporalizada em 1969 (*Philosophica Conimbricensia*), só se pôde consolidar no ano de 1992 com a *Revista Filosófica de Coimbra*, graças ao invulgar mecenato da Fundação Eng. António de Almeida⁴⁸. Depois, o seu papel na criação de uma tradição de tradução filosófica – tenhamos presente que antes de Wittgenstein nos chamar a atenção para o facto de que a tradução filosófica é um trabalho de filosofia, desde cedo, como vimos, professores e alunos se empenhavam colectivamente em tal tarefa – devendo um dia seguir-se o elo que liga a colecção “Biblioteca Filosófica” da Atlântida às mais modernas (mas nalguns casos inconsequentes) colecções “Maiêutica”⁴⁹ e “Hermes”⁵⁰ ou às iniciativas de Joaquim Ferreira Gomes para Pedro da

⁴⁶ J.V. de Pina Martins, “Joaquim de Carvalho (1892-1958). O Homem e a Obra”, in Joaquim de Carvalho, *Obra Completa* I, viii.

⁴⁷ M.B. Pereira, “Originalidade e Novidade em Filosofia. A propósito da Experiência e da História”, *Biblos* 53 (1977) p. 33-34.

⁴⁸ Cf. Fernando Aguiar-Branco. *Doutor ‘Honoris Causa’ em Letras (Sinopse dos Factos relativos ao Doutoramento). Doutores Honoris Causa em Letras de 1926 a 2001*, Porto 2002, 80-111.

⁴⁹ Cf. J.M^a André, *Renascimento e Modernidade. Do poder da magia à magia do poder*, Coimbra 1987; M.B. Pereira, *Modernidade e Tempo. Para uma leitura do discurso moderno*, Coimbra 1990; M^a L. P. F. da Silva, *A Hermenêutica do Conflito em Paul Ricoeur*, Coimbra 1992; M.S. de Carvalho, *Lógica e Paixão. Abelardo e os Universais*, Coimbra 2001; H.J. Ribeiro, *Para Compreender a História da Filosofia Analítica*, Coimbra 2001.

⁵⁰ Cf. Jacques Derrida, *Cosmopolitas de todos os Países, mais um Esforço!* Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra, 2001; *Nicolau de Cusa. A Paz da Fé, seguida a Carta a João de Segóvia*. Tradução e Introdução de João Maria André, Coimbra 2002; *Teodorico de Freiberg. O Ente e a Essência*. Tradução, Apresentação, Notas, Índices e Glossário de Mário Santiago de Carvalho. Coimbra 2003.

Fonseca, Coménio e Espinosa⁵¹; de A. Morujão para Kant⁵²; de A. Coxito para Verney⁵³; de J.M^a André, para Nicolau de Cusa⁵⁴; de D. Ferrer, para Fichte e Husserl⁵⁵; de A. de Sá, para C. Schmitt, E. Jünger, E. Voegelin, Fichte e M. Heidegger⁵⁶; de F. Bernardo, para Lévinas, Lacan, Blanchot, Baudrillard, Cixous e, naturalmente, Derrida⁵⁷; de Luísa Portocarrero e

⁵¹ Cf. Pedro da Fonseca; *Instituições Dialécticas*. Introdução, estabelecimento do texto, tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes, 2 vols., Coimbra 1964; Id., Pedro da Fonseca, *Isagoge Filosófica*. Introdução, edição do texto latino e tradução por Joaquim Ferreira Gomes, Coimbra, 1965; J.A. Coménio, *Didáctica Magna. Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*. Introdução, tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa 41996; Bento de Espinosa, *Ética demonstrada à maneira dos géometras*. Partes II e III, Trad. de J.F. Gomes, Coimbra 1962. Importa referir que a iniciativa de tradução da *Ética* espinosista partiu de Joaquim de Carvalho, com a assinatura e anotação do primeiro volume da obra, concluída depois (Partes IV e V) por António Simões.

⁵² Cf. I. Kant, *Crítica da Razão Pura*. Trad. de M.P. dos Santos e A.F. Morujão, Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão, Lisboa 1985.

⁵³ Cf. Luís António Verney, *Metafísica*. Introdução e tradução de Amândio Coxito. Fixação do texto latino de Sebastião Tavares de Pinho e Andria Patrícia Seiça. Coimbra 2008; Luís António Verney, *Lógica*. Introdução e Tradução Amândio Coxito, fixação do texto latino S.T. de Pinho e F. Medeiros, Coimbra 2010.

⁵⁴ Cf. Nicolau de Cusa; *A Visão de Deus*. Tradução e Introdução de João Maria André, Prefácio de Miguel Baptista Pereira, Lisboa 1988; Nicolau de Cusa, *A Doutra Ignorância*. Tradução, introdução e notas de João Maria André, Lisboa 2003; J.M^a André, G. Krieger & H. Schwaetzer (hrsg.), *Intellectus und Imaginatio. Aspekte geistiger und sinnlicher Erkenntnis bei Nicolaus Cusanus*, Amsterdam Philadelphia 2002.

⁵⁵ Cf. Husserl, *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*, Apresentação e tradução de Diogo Ferrer, Lisboa 2009; E. Husserl, *Investigações Lógicas. Prolegómenos à Lógica Pura*, Apresentação e tradução de Diogo Ferrer, Lisboa 2006; J. G. Fichte, *Fundamentos da Doutrina da Ciência Completa (1794-1795)*, Apresentação e tradução de Diogo Ferrer, Lisboa 1997.

⁵⁶ Cf. M. Heidegger, “O Tempo da imagem no mundo” in Id., *Caminhos de Floresta*, Lisboa 2002; para todas as outras suas traduções, veja-se <http://sites.google.com/site/alexandre-francosa/traducoes>.

⁵⁷ J. Lacan, *O mito individual do neurótico*, Lisboa 1980; Brigitte Detry Cardoso e Cunha, *Psychanalyse et structuralisme*, Lisboa 1981; J. Derrida, *O outro cabo*, Coimbra 1995; Id., *O monolinguismo do outro*, Porto, 2001; Id., *Cosmopolitas de todos os países, mais um esforço!*, Coimbra 2001; Id., *A língua do estrangeiro. Discurso de Frankfurt* (in *Le monde Diplomatique*, version portugaise, janvier, 2002); H. Cixous, J. Derrida, Véus ... à vela, Coimbra 2002; J. Baudrillard, *O Espírito do Terrorismo*, Porto 2002; M. Calle-Gruber e M-L Mallet, *Travessias da Escrita. Leituras de Hélène Cixous e Jacques Derrida*, Viseu 2003; A. Dufourmantelle, Jacques Derrida, *Da hospitalidade*, Viseu, 2003; Maurice Blanchot, *O instante da minha morte*, Porto, 2003; Emmanuel Lévinas, *Deus, a morte e o tempo*, Coimbra 2003; Jacques Derrida, *Políticas da Amizade*, Porto 2003; Id., *Força de lei*, Porto 2003; Id., *Le souverain bien / O bem soberano* (ed bilingue) Viseu, 2004;

de L. Umbelino a propósito de P. Ricoeur⁵⁸; ou do signatário sobretudo para a filosofia grega e latina medieval⁵⁹.

4.

Sustentou-se com alguma razão que até à reforma de 1957, além do mencionado positivismo acrescido de uma certa incidência de eclectismo, o ensino da Filosofia em Portugal se caracterizou pelo “cunho historicizante e de cultura geral”⁶⁰. Francisco da Gama Caeiro, que esboçou nestes termos os traços capitais do ensino filosófico nos mais de quarenta anos que medeiam a erecção da Faculdade de Letras da reforma que teve como figura preponderante outro nome capital da nossa Secção, A. de Miranda Barbosa, sem deixar de admitir alguma perda de autonomia dos estudos

Id., *Aprender finalmente a viver*, Coimbra, 2005; Id., *Carneiros – O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*, Coimbra, 2008; Id., *Vadios*, com Gonçalo Zagalo e Hugo Amaral, Coimbra, 2009; Id., *Memórias de Cego*, Lisboa 2010; no prelo: Jean-Luc Nancy, *Le poids d'une pensée, l'approche*, Strasbourg 2008; *Poèmes – Heather Hohollau*; Jacques Derrida, *Donner la mort*, Paris 1997.

⁵⁸ Cf. Olivier Abel e J. Porée, *Vocabulário de Paul Ricoeur*. Trad. de L. Umbelino e M^a Luísa, Coimbra 2010.

⁵⁹ Cf. *Santo Agostinho. Diálogo Sobre a Felicidade*. Tradução do original latino, introdução e notas, Lisboa, 1988; *Santo Agostinho. A Natureza do Bem*. Introdução, Tradução e Notas, Porto, 1992; «Noção, medição e possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand. (Tradução do seu ‘Quodlibet XIII’, q. 3)», *Revista Filosófica de Coimbra* 1 (1992), 359- 385; *Tomás de Aquino. O Ente e a Essência*. Versão do latim e Introdução, Porto, 1995; *São Boaventura. Recondução das Ciências à Teologia*. Tradução e Posfácio, Porto, 1996; *Henrique de Gand. Sobre a Metafísica do Ser no Tempo (Questões Quodlibéticas I, 7/8 - 9 e 10)*. Edição bilingue. Versão do latim, introdução e notas; Prefácio e restabelecimento crítico do texto latino de Raymond Macken, Lisboa, 1996; *Boécio de Dácia. A Eternidade do Mundo*. Tradução, introdução e notas, Lisboa, 1996; *Pseudo-Dionísio Areopagita. Teologia Mística*. Tradução do grego e Estudo Complementar, Porto, 1996; *João Duns Escoto. Tratado do Primeiro Princípio*. Tradução do latim e Nótula Introdutória, Lisboa, 1998; *São Tomás de Aquino. A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas*. Tradução, apresentação, glossário, quadro cronológico, índice onomástico. Lisboa, 1999; *Teodorico de Freiberg. O Ente e a Essência*. Tradução, Apresentação, Notas, Índices e Glossário. Coimbra 2003; *Raimundo Llull. Vida Coetânea*. Introdução, tradução, anotações, quadros e índices, Coimbra, 2004; *Tomás de Aquino. O Ente e a Essência*. Nova tradução do latim, in <http://www.ief.uc.pt/UserFiles/stomasdeente.pdf>; *Santo Agostinho. Diálogo Sobre a Felicidade*. 2^a edição. Tradução do original latino, introdução e notas, Lisboa, 2007; «*São Tomás de Aquino. A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas*. Tradução, apresentação, glossário, quadro cronológico, índice onomástico, Lisboa 2008.

⁶⁰ F. da Gama Caeiro, «Miranda Barbosa e a Filosofia em Portugal» *Biblos* 62 (1986), 3.

filosóficos graças à fusão das ciências histórico-filosóficas nas reformas de 1929 e 1930, Caeiro, dizia eu, acrescentava às constantes mencionadas uma atenção privilegiada aos domínios da Lógica e da Psicologia e a menor estima, ou mesmo desvalorização, dos estudos de ontologia e de metafísica e demais escolas filosóficas contemporâneas (Filosofia da Existência, Intuicionismo, Personalismo e Fenomenologia). Vale a pena frisar que se uma das marcas do século XX passa pela religação da filosofia à história, nem sempre ela ocorreu numa dimensão crítica, como conviria⁶¹, haja em vista o privilégio da premissa historicista de uma recorrente imersão no contexto cultural, que favorece antes o dogmatismo, situação nefasta que se há-de mais ou menos manter até ao advento das alternativas fenomenológica, primeiro, e depois, hermenêutica, como diremos.

Sem dúvida que a traços largos aquele delineamento é pacífico. Para algumas correntes do século XX será mesmo preciso esperar pelos anos pós-1974. Seja como for, é nestas quatro longas décadas que se consolida o magistério de J. de Carvalho; que cresce a figura que o virá a substituir, Miranda Barbosa – uma distinta *forma mentis* entre os dois não é de somenos –; e que, sobretudo, comparecem alguns dos jovens moços que, sempre por razões políticas, farão ora uma carreira internacional de prestígio; ora um nome ou uma bandeira de luta no país, quantas vezes fora da academia; ora – e estes no quadro da FLUC – contribuindo de facto para a formação dos milhares de licenciados em Filosofia que sobretudo se encaminhavam para a instrução da disciplina – ou de matérias afins – em todas as geografias no pilar fundamental do Ensino Secundário. São três conjuntos muito heterogêneos, como se compreende, e não teríamos tempo hoje sequer de gizar os traços mais essenciais que os distinguem, mas vale a pena rememorar que nos referimos a figuras tão relevantes e díspares, para não dizer discordes, como é bom timbre da filosofia, como Vasco de Magalhães-Vilhena ou Eduardo Lourenço, Sílvio Lima ou Victor de Matos, Alexandre Morujão ou José Maria da Cruz Pontes. Se tivéssemos tempo e ocasião deveríamos também, evidentemente, ponderar os contributos mais esporádicos, mas nem por isso de silenciar pela sua acção pedagógica – sobretudo se pensarmos, com a experiência de Umberto Eco, como a relação de ensino comporta sempre em si um traço de erotismo – de outras personalidades que contribuíram para os estudos filosóficos. Penso nos nomes de Jules Chaix-Ruy que, além da Psicologia, ensinou História da Filosofia Medieval e Moral em 1935-36; notemos que a presença de estrangeiros na nossa Secção (não nos referiremos

⁶¹ Como Delfim Santos escrevia em 1954, “abordar a filosofia pela sua história é sempre um perigo para a filosofia.” (Id., *Obras Completas* II, 207); no Apêndice XI reproduzimos a estrutura curricular da reforma de 1958, acima aludida.

obviamente a Émile Planchard⁶² substituído por S. Lima em 1955 na regência da Psicologia Escolar e Medidas Mentais, além de Pedagogia e Didáctica) contará só, depois, com a belga Brigitte Dettry, e ainda mais tarde com a contribuição de Michel Renaud, no Mestrado, e, neste mesmo ano (2010), de Olivier Feron, no ensino graduado. Lembro ainda Manuel Trindade Salgueiro (†1965), também leccionando Moral e História da Filosofia Medieval entre 1936 e 1941 e a quem se reconhece o mérito da introdução do ensino sistemático de S. Agostinho; evoco, para acabar, os legados daquelas personalidades que, embora oriundas do Grupo de História, cabocaram o ensino da Estética⁶³, tais como: Vergílio Correia Fonseca (1920-44), Manuel Lopes de Almeida (1947-48), Torquato Sousa Soares (1948-49), Mário Mendes Brandão (1949-58) e Luís Reis Santos (1954-58), além da docência de um académico portuense do círculo leonardino, Aarão de Lacerda, que ensinou entre nós nos anos 1944-1947. De referir que, no que concerne aos estudos filosóficos, não era habitual, infelizmente, a colaboração de personalidades oriundas de outras academias, contando-se talvez, depois dos anos quarenta, além do referido M. Renaud, apenas a intervenção de Filipe Rocha, da Universidade de Aveiro, mas já no âmbito dos Mestrados, situação que só começa a mudar com a contratação de António Martins (1949-) e que agora, felizmente, se tornou um pouquinho mais comum e saudável na figura de alguns outros professores como, além do signatário, formado na *alma mater* portuense⁶⁴, de Diogo Ferrer⁶⁵ e de Alexandre de Sá⁶⁶, das olisiponenses Universidades civil e católica, respectivamente.

Mas passemos da onomástica, com o seu quê de hagiografia, para os factos e as ideias, afinal, sobretudo estas últimas, o nosso próprio destino e razão de ser desde as praias da Jónia ou dos ‘fora’ socrático-platónicos até ao temor e tremor de um jovem estudante acabado de chegar ao seu curso de eleição, quantas vezes motivado – para não dizer apaixonado – tão-só pela sensibilidade e inteligência do seu professor de Filosofia do Ensino Secundário⁶⁷.

⁶² Cf. M. A. Rodrigues, *Memoria professorum universitatis conimbrigensis 1772-1937*, Coimbra 1992, 79; também *Biblos* 51 (1975) 507-510; vd. ainda Chaix-Ruy, *Saint Augustin, Temps et Histoire*, Paris, 1956.

⁶³ Marginalmente, embora, dado o facto de a cadeira de Teoria da Experiência explicitamente englobar a Arte, conjuntamente com a Ciência e a Moral, talvez se pudesse referir a intervenção de Joaquim de Vasconcelos (1914-15) e de novo Alves dos Santos (1915-17).

⁶⁴ Cf. M.S. de Carvalho, *A Novidade do Mundo: Henrique de Gand e a Metafísica da Temporalidade no Século XIII*, Lisboa 2001.

⁶⁵ Cf. D.F. Ferrer, *Lógica e Realidade em Hegel. A ‘Ciência da Lógica’ e o Problema da Fundamentação do Sistema*, Lisboa 2006.

⁶⁶ Cf. A. Franco de Sá, *O Poder pelo poder. Ficção e Ordem no combate de Carl Schmitt em torno do Poder*, Lisboa 2009.

⁶⁷ Talvez seja propositado adunar aqui o resultado do último Relatório Pisa (OCDE) em que mais de 90% dos alunos afirmava ter uma imagem positiva dos seus professores.

Nos anos trinta nenhuma tese de doutoramento foi defendida (se descontarmos o último decénio, só os anos 60 e 90 viram o pobre apogeu de tais dissertações)⁶⁸. Em contrapartida algumas teses de licenciatura ou trabalhos de concurso académico tornaram-se salientes. Este aspecto merece investigação minuciosa mas o facto permitir-nos-ia relativizar as tão-somente quatro linhas de força acima recordadas, que alegadamente caracterizariam quarenta anos de ensino. Citarei, em primeiro lugar, a tese de licenciatura *Progresso. História Breve de uma Ideia* (1939) de Vasco de Magalhães-Vilhena († 1993), precedida pelo trabalho de Sílvio Lima († 1993), *O Amor Místico. Noção e Valor da Experiência Religiosa* (1935). Ao tom ensaísta de S. Lima – diríamos sergiano não se desse o caso de se contar entre os seus títulos mais conhecidos o *Ensaio sobre a essência do Ensaio* (1944) redigido sob o signo de André Gide⁶⁹ – sobrepôs-se a sintaxe dissertacional de Magalhães-Vilhena, não obstante o tom ainda tão teológico quanto marxista do tema do progresso. Partilhando os dois jovens docentes o apreço, embora crítico, por António Sérgio (tantas vezes instado por J. de Carvalho para ingressar no corpo docente da FLUC), Magalhães-Vilhena notabilizou-se internacionalmente com a sua obra francesa, mas nem por isso menos universal, sobre Sócrates, e podemos, pelo menos conjecturar, que ela se cogitava nos anos lectivos em que regera em Coimbra “História da Filosofia Antiga” (1942-44)⁷⁰. Se este ponto pode ser controverso, não o será decerto a presença silenciosa do marxismo na sua tese de licenciatura, uma absoluta heterodoxia e novidade académicas, há que dizê-lo – recordemos que a revista *Biblos* há-de esperar pelo ano 1975 para publicar um apontamento explícito sobre o tema⁷¹ –, e sobretudo a presença da opção epistemológica que o levaria a decidir-se por uma malograda tese de doutoramento nessa área, *Unidade da Ciência. Introdução a um Problema* (1941). Assinalando a fecunda condição da interdisciplinaridade⁷², além da marca de Mário Silva, ilustre professor da

⁶⁸ Cf. *infra* Apêndice VIII.

⁶⁹ J.F. da Silva, “Sílvio Lima. História de um professor universitário” *Biblos* 55 (1979) xxxvi.

⁷⁰ Cf. V. de Magalhães-Vilhena, *Le problème de Socrate: le Socrate historique et le Socrate de Platon*, Paris 1952; Id., *Socrate et la légende platonicienne*, Paris 1952.

⁷¹ J.F. Gomes, “Apontamento sobre a concepção marxista de ‘Educação Politécnica’”, *Biblos* 51 (1975) 663-672.

⁷² Cf. Miguel Baptista Pereira, “Considerações...” 19-20, a saber: (i) “Só a partir da situação concreta e pluridimensional do homem no mundo se pode compreender o sentido e a necessidade da ciência e do seu ensino”; (ii) “A compreensão da situação concreta e pluridimensional do homem no mundo só é possível, estabelecendo a comunicação crítica com o passado, a cujas influências o homem está inexoravelmente exposto”; (iii) “É pela via da ciência e não pelo acervo de curiosidades e pormenores culturais ou pela retórica

Faculdade de Ciências, nela já se reconheciam diálogos com os círculos de Viena e de Cambridge, além das críticas substantivas de Delfim Santos ao neopositivismo – este havia publicado já o notável *Situação Valorativa do Positivismo* (1938) –, uma vez mais a filiação cartesiana de António Sérgio, alguma vertente lógica de Vieira de Almeida e os estudos sobre a história da cultura portuguesa de Joaquim de Carvalho⁷³.

Obliteremos os aspectos mais picantes da obra referida de Sílvio Lima, e bem assim das suas *Notas Críticas ao Livro do Sr. Cardeal Cerejeira 'A Igreja e o Pensamento Contemporâneo'* (1930), dedicado a César Abranches e a Vitorino Nemésio⁷⁴. Vemos um deslocamento desde a sua tese de licenciatura, *Ensaio sobre a Ética de Guyau nas suas relações com a crise moral contemporânea* (1927), trabalho no fim de contas sobre um dos mestres de Nietzsche, de Bergson, de Jankelevitch ou de Kropotkine (mas dedicado a J. de Carvalho e A. Sérgio), até ao trabalho *O Problema da Reconhecimento. Estudo Teórico Experimental* (1928), a primeira tese de doutoramento em psicologia experimental no nosso país⁷⁵. Talvez se pudesse agregar à presença desta disciplina instalada por A. dos Santos a fugaz passagem de S. Lima pela licenciatura em medicina. Acresce que a psicologia não comparece nele à maneira das *Investigações Lógicas* de Husserl, cuja quarta edição havia sido publicada naquele mesmo ano, antes interpretada como lugar criativo do espírito crítico⁷⁶. Não o deve ter sabido ler uma parte da Academia, por certo condicionada por motivos menos filosóficos e esquecida da insistência kantiana sobre o lugar da Faculdade de Filosofia. Na verdade, no estudo sobre o amor místico, condicionada pela “situação”, a Academia pareceu atender mais ao diálogo, aliás crítico, com o pansexualismo psicanalítico, à possibilidade livre de

ideológica que a Faculdade de Letras estabelece a comunicação crítica com o passado e contribui para a consciência de identidade ou de sentido da praxis humana”; (iv) “... a ciência na Faculdade de Letras deve seguir o princípio da interdisciplinaridade”.

⁷³ A.S. Fitas et al., “A Filosofia da ciência no Portugal do século XX”, in P. Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, Tomo V-2, Lisboa 2000, 480-84.

⁷⁴ Cf. Paulo Archer de Carvalho, “Anotação para a história da Filosofia e do seu ensino na Faculdade de Letras de Coimbra (1929-1965). Sílvio Lima, ou o retorno do recalçado” *Revista Filosófica de Coimbra* 20 (2011) 213-244. Veja-se também Sílvio Lima, *Obras Completas*, 2 vols., Lisboa, 2002.

⁷⁵ Cf. Amâncio da Costa Pinto, “Sílvio Lima (1928): Primeira Tese Portuguesa de Doutoramento em Psicologia”, *Jornal de Psicologia* 11 (1-2: 1992), 40-41; agora em: http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/08_silvio_lima_homenagem.pdf

⁷⁶ P. Calafate, “O humanismo crítico de Sílvio Lima”, in Id. (dir.), *História... V-2*, 268: “num humanismo de base idealista e racionalista”; contra vd. Miguel Real, “Sílvio Lima, filósofo sem filosofia” in http://www.multiculturas.com/delfimsantos/textos/MReal_Silvio_Lima_filosofo_sem_filosofia_2004.pdf

análise de uma complexíssima atitude religiosa, temendo, por isso, as figuras do recalçamento e a ousadia da interrogação causal, e descurou a relevância da tese da heterogeneidade do amor, da sua complexidade e do elogio do amor platónico, reconhecido em Camões ou em Leão Hebreu. Afinal, segundo Lima, o único amor que se pode identificar com a caridade cristã. Testemunhando a sua acção como distinto professor⁷⁷, na reparação do pecado capital em que a FLUC caíra, o então Presidente do Conselho Directivo, Miguel Baptista Pereira, sublinhava em três notas substantivas outras tantas condições essenciais para um qualquer professor da Faculdade de Letras: “competência – pensava densa e inquietamente o que ensinava com incomparável fulgor e clareza –; liberdade – buscou um espaço autónomo para a sua investigação e ensino e foi referido no próprio cerne da liberdade de pensar –; busca de sentido – ao contrário do ‘homo curiosus’ que propala banalidades sob o véu de pretensa seriedade científica, Sílvio Lima ‘ensaia’, em tentativas retomadas, orais e escritas, o sentido da existência.”⁷⁸ Além desta dimensão, e pela minha parte, atrever-me-ia a realçar de passagem, em nota inédita porém, como numa das teses que defendeu para doutoramento, S. Lima pode ter antecipado em mais de setenta anos o argumento que Charles E. Butterworth ajudou a propalar em torno da relação entre Averróis (‘averroísmo’, na palavra de Lima) e o iluminismo (‘racionalismo’, na versão do doutorando)⁷⁹.

⁷⁷ Cf. “Homenagem ao Professor Doutor Sílvio Lima” *Biblos* 56 (1980) 767-77: “Para além do gesto de admiração, porém, está na mente de todos, não podemos esquecer-lo, um desejo de reparação de culpas que nos são alheias, mas que mesmo assim nos magoam. Ninguém ignora que o Doutor Sílvio Lima trabalhou nesta Faculdade em condições adversas, mesmo depois da sua reintegração ao serviço, mas que tal facto não o impediu de assegurar, com inabalável seriedade e comunicativo entusiasmo, a docência das mais variadas matérias. Nesta atitude reside a grande lição da sua vida.”

⁷⁸ “Homenagem...” 768; vd. também M.B. Pereira, “Experiência e História” *Biblos* 55 (1979) 290; Barahona Fernandes, “Revivendo um ensaio de Sílvio Lima decapitado pela Censura. ‘O Amor Místico’” *Biblos* 55 (1979) vii-xxxiii.

⁷⁹ *Teses de Filosofia* Que se propõe defender na Universidade de Coimbra para obter o grau de Doutor, Sílvio Lima, licenciado em Letras, Coimbra 1928; cf. K. Flasch & U.R. Jeck (hrsg.), *Das Licht der Vernunft. Die Anfänge der Aufklärung im Mittelalter*, München 1997. É pelo menos esse o sentido da proposta apresentada pelo candidato – “que o averroísmo está na base (como fluxo inspirador) do racionalismo moderno” –, mas, à falta de prova que funde esta enunciação tão lacónica, lembremos que S. Lima começou a leccionar História da Filosofia Medieval em 1929/30 e que o exame dos seus Sumários poderá consolidar ou não a nossa suspeita; na verdade, em 1934, ao lado do que até então vinha chamando a “tese da incredulidade” de Averróis, S. Lima passa a sumariar também a discussão do tema da “unidade intelectual”; pode dar-se o caso, por fim, de um mero aproveitamento da tese de E. Renan.

A tragédia de Kant em 1794 ou o episódio dilacerante da história da Filosofia em 7 de Março de 1277, não foram, já se vê, expressões raras de censura⁸⁰, persistência comprovável além-fronteiras pelas irónicas e desconcertantes palavras de Schopenhauer contra *Hegel und seiner Rotte*, mas frequentemente tão actuais, sobre “... a boa e nutritiva filosofia da Universidade, que vai caminhando com circunspecção carregada de mil preconceitos e segundas intenções, em todos os tempos escrava do temor aos senhores, dos ditames do Ministério, dos preceitos da Igreja local, do gosto dos editores, do aplauso dos estudantes, da boa amizade dos colegas, da marcha da política quotidiana, dos inconstantes caprichos do público e de não sei de quantas coisas mais”⁸¹. Uma “Faculdade independente das ordens do governo quanto às suas doutrinas”, para utilizarmos os próprios termos kantianos, seria uma situação esporádica ou mesmo inexistente durante os longos decénios do Estado Novo, e esta condição exógena há-de decerto obstaculizar a fulguração de um pensamento que se preze enquanto amante da sabedoria e cultor da crítica e da interrogação permanentes, como expressão material do valor da liberdade. Será preciso lembrar que desfazer ou desconstruir a autoridade que existe é o imperativo moral – Adorno *dixit* – de todo aquele que não se resigna à mera afirmação do que é?

Com toda a sua ambiguidade e fragilidade, sinal *a contrario* seria, pois, o espírito de heterodoxia, o constante motivo de ruptura – “todos os homens são heterodoxos”, dizia Eduardo Lourenço –, ora alimentado de ambições metafísicas, ora de esperanças de liberdade por vir. Aludimos, evidentemente ao título que o jovem Eduardo Lourenço (1923-) deu a uma das suas primícias filosófico-literárias, concitando as constantes de uma filosofia viva haurida na filosofia ensinada em Coimbra nos anos 40: a interrogação em torno do universo mental português, a interpretação da História e do Tempo, o diálogo privilegiado com a filosofia idealista alemã e a filosofia moderna francesa, a interrelação da filosofia com a literatura e a cultura, o cultivo do rigor meditativo. Uma reconhecida e notável carreira internacional⁸², ignoramos se inteiramente forçada por razões políticas, não nos pode fazer esquecer a sua formação conimbr-

⁸⁰ I. Kant, *O Conflito das Faculdades*. Trad. Lisboa 1993; F. León Florido, *1277 La condena de la Filosofía. Estudio y traducción del 'syllabus' de Esteban Tempier*, Madrid 2007.

⁸¹ A. Schopenhauer, *Le Monde comme Volonté et comme Représentation*. Trad. par A. Burdeau; éd. Revue et corrigée par R. Ross, Paris 2009, 19.

⁸² Cf. Eduardo Prado Coelho, “Eduardo Lourenço: Um Rio Luminoso”, in Id., *A Mecânica dos Fluidos*, Lisboa 1984, 280. Em 1947-49 Eduardo Lourenço começou também por assistir Sílvio Lima em História da Filosofia Antiga, situação que se repetiu em 1950-52.

cense em Ciências Histórico-Filosóficas, seguida da docência entre 1947 e 1953 (E. Lourenço assistiu J. de Carvalho nas aulas práticas de Filosofia Moderna e Contemporânea). A sua principal obra “coimbrã” é, naturalmente, *Heterodoxia* (1949), produto ensaístico de “ambição metafísica” e de “ruptura” – assim escreve o autor quase quarenta anos depois⁸³, anunciando, também, descortinar-se nela a futura “obsessão permanente, a da desarticulação, da desestruturação das nossas mitologias culturais herdadas do século XIX e a tentativa de uma reestruturação do discurso cultural português no seu conjunto...”⁸⁴ “Para mim, aprendiz de filósofo nessa época – continua Lourenço –, o essencial dizia respeito – e continua dizendo – a um certo número de interrogações que colidiam com o conceito tradicional de História e a par dele como seu pressuposto transcendental, a própria noção de Tempo.”⁸⁵ Sublinhamos a consonância destas palavras com a nossa presente avaliação. Logo à entrada o jovem E. Lourenço conjugava heterodoxia com liberdade, “humildade do espírito, o respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro”⁸⁶ e advogava o diálogo com a Europa como meio de a cultura portuguesa se liberar da uma “existência crepuscular” velha de quatro séculos (ainda na esteira de Verney, Antero, Sérgio ou Sant’Anna Dionísio⁸⁷). Dando mostras de uma impressionante informação literária, filosófica e cultural, sobretudo contemporânea, embora o livro se concentre sobretudo em Hegel – “Da Permanência no Mundo do Espírito e “O Segredo de Hegel ou o Equívoco da Dialéctica” são dois capítulos maiores –, o último ensaio constituiu a tese de licenciatura de E. Lourenço. Aí se estudavam quatro tópicos reveladores da presença do pensamento hegeliano, da fenomenologia, além, é claro, da marca fundamental que sobre o jovem assistente deve ter exercido o magistério filosófico de J. de Carvalho – ao tema da filosofia portuguesa propalado por Álvaro Ribeiro, Lourenço deu cedo crítica atenção⁸⁸: “Significado existencial do Idealismo Absoluto e da Dialéctica”, “De Descartes a Kant ou do ‘cogito’ à síntese ‘a priori’”, “De Kant a Hegel ou da síntese ‘a priori’ ao universal concreto” e “Breve análise valorativa da dialéctica hegeliana”.

⁸³ E. Lourenço, “Escrita e Morte”, in Id., *Heterodoxia I e II*, Lisboa 1987, xii-xiii, xiv.

⁸⁴ E. Lourenço, “Escrita e Morte” xiv. Actualizámos a grafia.

⁸⁵ E. Lourenço, “Escrita e Morte” xiv.

⁸⁶ E. Lourenço, *Heterodoxia* 6.

⁸⁷ E. Lourenço, “Segundo Prólogo sobre o Espírito da Heterodoxia”, in Id., *Heterodoxia I e II*, 215.

⁸⁸ Cf. Maria Manuel Baptista, *Eduardo Lourenço. A paixão de compreender*, Porto 2003, 58 nota 15, 195-98 e *passim*; M. Real, *Portugal, Ser e Representação*, Lisboa 1998, 65-66.

5.

Joaquim de Carvalho morre em 1958 e a reforma de 1957 – que autonomizará de novo a licenciatura em Filosofia – conhecerá o cunho de um dos seus discípulos que mais se notabilizou sobretudo no ensinamento oral da Filosofia⁸⁹. A ele, Arnaldo de Miranda Barbosa (†1973), se fica a dever em 1962 a direcção dos Seminários de Filosofia, coadjuvado pelo assistente A. Morujão, e o conseqüente discipulato ou sentido de escola. M. Barbosa ensinava já desde 1941 – Teoria do Conhecimento, as Histórias da Filosofia Antiga e Medieval, Moral, Lógica e Metodologia – e dele foram alunos directos algumas das figuras mais relevantes de uma nova geração, assaz dispare nas suas matrizes: Victor de Matos, Gustavo de Fraga, Alexandre Morujão, Miguel Baptista Pereira, Cruz Pontes ou José Reis. Evidentemente, nada diremos sobre tantos e demais que se destacaram noutras Universidades e escolas.

A enumeração repetida destas personalidades evidencia, apesar de tudo, uma sensível pluralidade de caminhos filosóficos, nos quais aliás se continuava a sentir ainda a presença de J. de Carvalho. Sem nunca descurar esta herança, uma vez mais evidente na História da Filosofia, Miranda Barbosa evidenciou-se na Lógica e na Teoria do Conhecimento de incidência metafísica. Note-se que no primeiro âmbito sobressaíram, na Filosofia Antiga, Victor de Matos, e na Medieval, Cruz Pontes, autoridade internacionalmente reconhecida em Pedro Hispano Português⁹⁰. Nos dois seguintes, isto é, na Lógica e na Filosofia do Conhecimento, Alexandre Morujão e José Reis. Aquele, aliás, viveu, com Gustavo de Fraga, o primeiro ápice dos estudos fenomenológicos em Coimbra – e dizemos “primeiro” (em 1965 o “Centro de Estudos Fenomenológicos”

⁸⁹ Uma vez que não chegámos a conhecer A. M. Barbosa, podemos tão-somente apoiar-nos nalgumas conversas que sobre a sua figura mantivemos com ex-discípulos seus que nos permitem suspeitar que o que um dia Delfim Santos escreveu a propósito do seu mestre Leonardo Coimbra, se poderia talvez aplicar ao caso de Miranda Barbosa, a saber, que “nem sempre a obra escrita dá a medida do homem que a pensou e escreveu, como (...) é patente para os que o escutaram como alunos.” (D. Santos, *Obras Completas* II, 71). Veja-se A. Miranda Barbosa, *Obras Filosóficas*. Organização e prefácio de A. F. Morujão, Lisboa 1996; no mesmo sentido, vd. J. Marinho, *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto 1976, 93.

⁹⁰ Cf. J.M^a da C. Pontes, *Pedro Hispano Português e as controvérsias doutrinárias do século XIII – A origem da alma*, Coimbra 1964; vd. M.S. de Carvalho, “Bibliografia do Professor Doutor José Maria da Cruz Pontes”, in *Quodlibetaria. Miscellanea studiorum in honorem Prof. J. M. da Cruz Pontes anno iubilationis suae offertae. Conimbrigae MCMXCV*. Cura Marii A. Santiago de Carvalho, iuvamen praestante Josephi Francisco Meirinhos, Porto, 1995, 29-50.

publicava *Perspectivas da Fenomenologia de Husserl*) porquanto se reconhecem sinais de revitalização desta corrente em alguns dos nossos actuais docentes. A. Morujão tornar-se-á mestre incontestável em Portugal sobre Husserl, sendo Heidegger, Blondel ou Gabriel Marcel, ou ainda Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra, autores da sua predilecção⁹¹. É neste veio fenomenológico e metafísico apadrinhado por M. Barbosa que se destacará ainda Miguel Baptista Pereira, pensador profundo de rara cultura histórico-filosófica que nunca hesitou perante os desafios mais prementes da modernidade, tendo sido ele o propulsor da fase pós 25 de Abril alimentando à sua volta um círculo extraordinário de seguidores, de entre os quais os amigos que vos soarão decerto mais familiares, como: Francisco Vieira Jordão (†1994)⁹², Marina Ramos Themudo (1934-)⁹³, Maria Luísa Portocarrero (1953-)⁹⁴, João Maria André (1954-)⁹⁵, António Pedro Pita (1956-)⁹⁶, Edmundo Balsemão Pires (1961-)⁹⁷, Fernanda Bernardo (1955-)⁹⁸, Joaquim das Neves Vicente (1951-)⁹⁹, Anselmo Borges (1944-)¹⁰⁰ e Luís Umbelino¹⁰¹. Com este rol acabámos enfim de iden-

⁹¹ Cf. *Alexandre Fradique Morujão. Estudos Filosóficos*, org. e prefácio de Carlos Morujão, 2 vols., Lisboa 2002, 2004, H.J. Ribeiro, “Alexandre Fradique Gomes de Oliveira Morujão (1922-2009)” *Revista Filosófica de Coimbra* 18 (2009) 219-26. Alexandre F. Morujão inicia a sua actividade docente em História da Filosofia Moderna e Contemporânea I (1960-61), sob a regência de Miranda Barbosa.

⁹² Cf. F.V. Jordão, “A problemática da linguagem religiosa frente à proclamação da ‘Morte de Deus’” *Biblos* 58 (1982) 473-507.

⁹³ M.R. Themudo, *Ética e sentido: ensaio de reinterpretação do Tractatus logico-philosophicus de Ludwig Wittgenstein*, Coimbra 1989.

⁹⁴ M^a.L. Portocarrero, *O preconceito em Gadamer: sentido de uma reabilitação*, Lisboa 1995; vd. João Carlos Correia, Recensão in http://www.lusosofia.net/textos/correia_joao_carlos_a_reabilitacao_do_preconceito.pdf (consultado em Setembro de 2010).

⁹⁵ J.M^a André, *Sentido, simbolismo e interpretação no discurso filosófico de Nicolau de Cusa*, Coimbra 1997.

⁹⁶ A.P. Pita, *A Experiência Estética como Experiência do Mundo: a estética segundo Mikel Duifrenne*, Porto 1999.

⁹⁷ E.B. Pires, *Povo, Eticidade e Razão. Contributos para o Estudo da Filosofia Política de Hegel.*, 2 vols., Lisboa 2006.

⁹⁸ F. Bernardo, *Transcendência e subjectividade : a “subject-illeidade” ou a responsabilidade ética como incondição do sujeito em Emmanuel Lévinas* (pro manuscripto), Coimbra 2000.

⁹⁹ J.N. Vicente, *Educação, Retórica e Filosofia. A partir de Olivier Reboul. Subsídios para uma Filosofia da Educação Escolar* (pro manuscripto), Coimbra 2008.

¹⁰⁰ A. Borges, *A Secularização e a Morte em Ernst Bloch* (pro manuscripto), Coimbra 1991.

¹⁰¹ Cf. L. A.F.C. Umbelino *Somatologia Subjectiva. Apercepção de Si e Corpo em Maine de Biran*, Lisboa 2010.

tificar novos interesses, horizontes e programas tais como: Espinosa e a ontologia ou ainda a filosofia da religião; Wittgenstein e a ética; a hermenêutica e Gadamer ou Ricoeur; Nicolau de Cusa e a epistemologia ou ainda o multiculturalismo; M. Dufrenne, a estética e o neorealismo português; Hegel e a filosofia política; Lévinas e a desconstrução derridiana; a didáctica da filosofia e, de novo, a filosofia da religião ou o pensamento utópico de E. Bloch, além de Maine de Biran.

Este horizonte absolutamente diversificado, aberto e plural contrasta com o ambiente que se vivia em 1958, associando, como se disse, história e filosofia, mas é dele ainda herdeiro, sobretudo na necessidade de uma perspectiva histórico-filosófica na raiz da sistematicidade, na fidelidade à radicalidade filosófica, na atenção ao método, na urgência da ética e da interrogação sobre o humano – lembremos que na sequência do chamado Processo de Bolonha “Filosofia e Ética” foi tópico escolhido por identificador¹⁰² – na pluralidade do pensar atento aos desafios das emergências disciplinares e das gritantes conflitualidades e injustiças sócio-políticas.

Talvez não fosse isso todavia que se divisasse no início da década de 40, com a tese de licenciatura de M. Barbosa, *Lógica. Ensaio esquemático de uma lógica pura como fundamentação mediata de uma teoria axiológica*, nem em 1947, com a dissertação doutoral *A Essência do Conhecimento* que conseguiu, como escrevia o seu discípulo e professor do Faculdade de Letras do Porto, Abranches de Soveral, abrir “à gnosiologia novas perspectivas, cuja ignorância condena à superficialidade todas as análises e reflexões que se façam na matéria, por mais eruditas e sofisticadas”¹⁰³. Semelhante apreciação contrasta com a mais negativa de Cabral de Moncada, preferindo J. de Carvalho. Seja como for, Miguel B. Pereira, ao correlacionar a tese doutoral do seu mestre com um artigo deste, datado de 1955, *Filosofia e Método*, escrevia: “Pressupondo o conceito de ordem

¹⁰² Uma vez que os políticos europeus não têm dito toda a verdade no quanto concerne ao chamado Processo de Bolonha, talvez seja imperioso deixarmos expressa, para memória futura, a agenda secreta do mesmo – a primeira pessoa a quem ouvimos falar disto foi ao antigo Reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral – a saber, o facto de, subjacente a este movimento de encolhimento de estudos, se vislumbrar a possibilidade de se vir a ter, na Europa, mais ou menos uma dezena apenas de Universidades/Faculdades de elite (traduzamos o jargão: que possam ombrear com a “Ivy League” ou algumas mais, sempre norte-americanas, de reconhecida qualidade) reduzindo as restantes a meros Institutos de estudos que preparem rápida e economicamente mão de obra subserviente e mais ou menos inculta ou incapaz de pensar. Os próximos cem anos da Filosofia em Coimbra deverão ilustrar de que lado da barreira nos decidimos, afinal, manter. No Apêndice IX damos o Plano de Bolonha para o 1º ciclo de Filosofia, com base in: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/cursos/1ciclofilosofia>

¹⁰³ E.A. de Soveral, *Pensamento Luso-Brasileiro. Estudos e Ensaios*, Lisboa 1996, 100.

filosófica (...) que transforma a ambiguidade e imprecisão do objecto no cosmo plurirregional da filosofia, mostra que o objecto não se funda em última análise no ser lógico ou na conceptibilidade máxima, mas no real metalógico onde enraíza a própria coerência do nosso pensamento, sendo portanto ilógica a subjectividade absoluta idealista.”¹⁰⁴

Não hesitaríamos, pois, em dizer que a fundamentação crítica da metafísica tradicional levada a cabo por M. Barbosa – haja especialmente em vista os níveis semânticos, lógico-gnosiológico e a sua implicação no conceito de transfinitude da razão – esteve na origem dos trabalhos e das inquietações fenomenológicas de Morujão e de Gustavo de Fraga, tal como nas meditações de cariz hermenêutico-metafísico de B. Pereira, além do sempre constante interesse pela História da Filosofia na qual, na sua componente Antiga, se renomou Victor de Matos; na Medieval, Cruz Pontes; e na Moderna, Fradique Morujão. Como este último, e salvo o seu apreço por Jaspers, por Antero de Quental e por uma antropologia teológica ou abertura ao absoluto, Gustavo de Fraga leu Husserl e Heidegger – os dois foram o tema da sua dissertação doutoral de 1966, *Elementos para uma Problemática da Fenomenologia* – “sem se eximir, como escreve Pedro M. Alves, ao trânsito que, no seio do pensamento de Husserl, conduz de uma problemática exclusivamente gnosiológica à questão metafísica do absoluto e à aporia daí emergente da transcendência e imanência desse absoluto à própria subjectividade”¹⁰⁵. Tal como A. Morujão, abraçou o magistério pós-graduado (depois que em 1978 o Ministro e filósofo Sottomayor Cardia criou com felicidade o grau de Mestre, o primeiro Curso de Filosofia Contemporânea inaugura-se em 1 de Fevereiro de 1982) – foi discípulo de Morujão o nosso actual cultor da Lógica, da Filosofia da Ciência e do pensamento de B. Russell, Henrique Jales Ribeiro (1958-)¹⁰⁶ – também M. B. Pereira orientou muitas dezenas de teses de mestrado e de doutoramento em Filosofia. Simplesmente, com o seu magistério consolida-se e amadurece a fase hermenêutica da

¹⁰⁴ M.B. Pereira, *Ser e Pessoa. Pedro da Fonseca. I- O Método da Filosofia*, Coimbra 1967, 19

¹⁰⁵ Pedro M.S. Alves, “A fenomenologia em Portugal”, in P. Calafate (dir.), *História... V-1*, 371. Gustavo de Fraga inicia a sua actividade docente em Introdução à Filosofia (1960-61), assistindo Miranda Barbosa; veja-se M.C. Natário et al. (coord.), *O movimento fenomenológico em Portugal e no Brasil*, Sintra 2010, 25-40 e 81-90.

¹⁰⁶ Cf. H.J. Ribeiro, *Bertrand Russell e as origens da filosofia analítico: o impacto do “Tractatus Logico-Philosophicus” de L. Wittgenstein na filosofia de Russell* (pro manuscrito), Coimbra 1999; vd. também <http://www1.ci.uc.pt/pessoal/jalesribeiro/> (acedido em Novembro de 2010).

Secção de Filosofia – será precisamente esse o tema a inaugurar a sua participação post-1974 na *Biblos*¹⁰⁷ – assinalável numa profundíssima propensão metafísica alicerçada num raro à-vontade no diálogo com o horizonte historial da nossa disciplina¹⁰⁸. Mas porque consciente e deliberadamente temos citado muitas vezes M.B. Pereira urge referir-nos agora ao seu mestre e mais tarde colega e amigo Victor de Matos, prematuramente falecido (1975), “dotado de densa experiência poética e profunda dimensão filosófica”¹⁰⁹. Neste último campo sobressaem os seus trabalhos sobre Platão ou sobre Cornford, ou ainda sobre o outro Bruno, o mártir do Campo dei Fiori, além do programa de investigação conjunto com B. Pereira em torno do motivo da oposição entre a compreensão do Ser subjacente à Bíblia e a concepção grega: “modificações fundamentais do *sentido* do Ser, Tempo, Presente, Realidade e duma diversa interpretação do Homem”¹¹⁰. Preocupado em tentar fundamentar metodologicamente “o acesso à filosofia platónica”, sua tese de doutoramento, V. de Matos interrogou desde as suas origens a compreensão do condicionamento histórico-filosófico da nossa herança¹¹¹, isto é dizer, o processo de historicização da verdade que, ao nível da sua emergência actual, interpõe categorias hermenêuticas próprias¹¹², chegando a afirmar, por isso, que, caso Platão tivesse tematizado a intuição do *ecsaíphnes*, o platonismo poder-se-ia ter transformado “numa filosofia da novidade a todo o momento imprevisível”. “Por outras palavras – publicadas em 1972 (sublinhamos) –, talvez se tivesse chegado, a partir de um ‘filosofia do espírito’ a uma ‘filosofia da liberdade incalculável’.”¹¹³

¹⁰⁷ M.B. Pereira, “Compreensão e Alteridade” *Biblos* 52 (1976) 69-98. Miguel Baptista Pereira inicia a sua carreira docente leccionando História da Filosofia em Portugal (1958-59), sendo substituído nessa disciplina no ano imediatamente a seguir por José Sebastião da Silva Dias.

¹⁰⁸ Cf. M^aL. Portocarrero, “Em memória de Miguel Baptista Pereira” *Prelo* 5 (Maio-Agosto 2007) 7-14; vd. A. Borges et al. (coord.), *Ars Interpretandi. Diálogo e Tempo. Homenagem a Miguel Baptista Pereira*, Porto 2000; também AA.VV., *O Homem e o Tempo. Liber Amicorum para Miguel Baptista Pereira*. Porto 1999.

¹⁰⁹ M.B. Pereira, “Compreensão e Alteridade” 98.

¹¹⁰ V. de Matos, *Originalidade e Novidade da Filosofia: a propósito das teses de F.M. Cornford*, Coimbra 1972, 172. O sublinhado é do autor.

¹¹¹ V. de Matos, *O Acesso à Filosofia Platónica I*, Coimbra 1963, 39, nota 22. Vítor de Matos iniciou-se como docente assistindo Miranda Barbosa em Filosofia Antiga (1954-55).

¹¹² V. de Matos, *O Acesso...* 73, n. 23; Id., “Introdução a Giordano Bruno”, in *Giordano Bruno. Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. Trad. de A. Montenegro, Lisboa 2^a 1978, xxxi.

¹¹³ V. de Matos, *Originalidade...* 171.

6.

No ano de 1973 eram professores doutorados do Instituto de Estudos Filosóficos Alexandre Morujão, Miguel Baptista Pereira, Vítor de Matos, José Maria da Cruz Pontes e Gustavo de Fraga; e entre os assistentes contavam-se Amândio Coxito e José Encarnação Reis. Sobre o papel deste último corpo imediatamente após o 25 de Abril pouco saberia dizer, dada a calamitosa ausência de informação no que à nossa Secção concerne, mas não deveríamos esquecer os que contribuíram para a docência, entre 1974-76, como Brigitte Detry, que leccionou Antropologia Filosófica e Temas de Psicanálise; João Agostinho Almeida Santos¹¹⁴, Tito Cardoso e Cunha¹¹⁵ – este, tal como B. Detry, construindo a sua carreira depois na Universidade Nova de Lisboa –; Maria Manuela Rocha Cruzeiro¹¹⁶ e Aurélio Menezes Veloso¹¹⁷. Nem sobretudo, é claro, aqueles jovens assistentes que se mantiveram fiéis à docência na Secção. É o caso, primeiro, de Francisco Vieira Jordão que reflecte sobre ontologia grega¹¹⁸; de António Martins, sobre Peirce e Habermas¹¹⁹; da primeira mulher a doutorar-se em Filosofia, entre nós (1988), Marina Ramos Themudo, sobre o imaterialismo de Georges Berkeley¹²⁰; ou da jovem monitora Maria Luísa Portocarrero, que acede à *respublica litteraria* com um estudo sobre o existencialismo de Karl Jaspers¹²¹: Depois, isto é, já após 1979, de José Encarnação Reis, que fez do aprofundamento do tempo e da moral uma vida¹²²; de João Maria André, que se inicia na *Biblos* debruçando-se sobre

¹¹⁴ J.A.A. Santos, “A Questão da ideologia: de ‘A Ideologia Alemã’ aos ‘Cadernos do Cárcere’” *Biblos* 53 (1977) 207-268.

¹¹⁵ T.C. e Cunha, “Marxismo e História da Filosofia” *Biblos* 53 (1977) 269-278; Id., “O racionalismo e o problema histórico da Filosofia” *Biblos* 55 (1979) 457-473.

¹¹⁶ M^aM.R. Cruzeiro, “António Genovesi e o movimento iluminista no sul de Itália” *Biblos* 55 (1979) 475-500.

¹¹⁷ A.M. Veloso, “Agostinização do pensamento de Descartes. Precedida de uma breve genealogia do agostinismo nos sécs. XVI e XVII” *Revista Portuguesa de Filosofia* 44 (1988) 127-161.

¹¹⁸ F. V. Jordão, “Do conhecer ao ser: Eleia frente à Jónia” *Biblos* 53 (1977) 115-124.

¹¹⁹ A. Martins, “De Peirce a Habermas” *Biblos* 55 (1979) 425-455.

¹²⁰ M.R. Themudo, “Função epistemológica e estatuto ontológico das ideias e das noções no imaterialismo de Berkeley” *Biblos* 53 (1977) 181-205.

¹²¹ M^aL.P.F. da Silva, “A comunicação existencial em Karl Jaspers” *Biblos* 53 (1977) 131-168.

¹²² J. Reis, *Nova Filosofia*, Porto 1990; Id., *O Prazer e a Dor. Diónisos na escola de Apolo*, Porto 2007; Id., *Sobre o Tempo: Aristóteles, Plotino, St. Agostinho, Kant, Bergson, Husserl, Heidegger*, Porto, 2007.

o estruturalismo de Lévi-Strauss¹²³, e de António Pedro Pita que cedo aposta no pensamento filosófico português, mormente neo-realista¹²⁴.

Tal como V. de Matos também F.V. Jordão partiu cedo demais do nosso convívio e, por isso, no volume memorial que os amigos lhe dedicaram M.B. Pereira punha em paralelo a sua intenção destruidora da “insustentável leveza do ser” – patente desde a sua tese sobre Bento de Espinosa até à sua última reflexão, sobre Teresa de Ávila¹²⁵ – com igual recuperação “do peso do pensar, a fim de o ensino se não esfumar na retórica da aparência, no delírio da sedução ou na colagem e justaposição exterior de textos sem vida nem peso nem densidade...”¹²⁶

7.

É chegado o momento de concluir. Nenhum dos nomes acabados de referir foi acolhido no best-seller *Fifty Major Philosophers*¹²⁷. A ausência em si não é muito significativa, pois estamos certos que ao menos alguns caberiam num qualquer *Fifty Major Portuguese Philosophers*, embora, uma vez mais (e para darmos eco a um *mot d’esprit* com que se costuma castigar o desprezo de Carnap pela história da filosofia), sem sobrestimarmos como aos historiadores é sempre dada a palavra da imortalidade possível, tenhamos de adoptar o tom da modéstia. Em particular quando, motivados pelos condicionalismos políticos conhecidos, se censurava a capacidade de qualquer diálogo igualitário com toda a Filosofia coeva, situação que gerou fulgurações in consequentes e, como tal, impeditivas de escola. Sobretudo de uma escola de liberdade. Seja como for, acabámos de nos deparar com pelo menos os seguintes núcleos: o positivista e o neokantista, ambos de inspiração mais ou menos historicista, com acentuações claras no pensamento português; o fenomenológico, com vertentes metafísicas; o hermenêutico; por fim, o relativo aos vários programas de investigação da LIF, um período ainda difícil de caracterizar dada a nossa

¹²³ J.M^a André, “Mito, linguagem e filosofia (a propósito do estruturalismo de Lévi-Strauss)” *Biblos* 56 (1980) 277-305.

¹²⁴ A.P. Pita, “Duas faces da razão (Nota sobre a polémica entre António Sérgio e Jofre Amaral Nogueira)” *Revista de História das Ideias* 5 (1983) 147-165.

¹²⁵ F.V. Jordão, *Espinosa. História, salvação e comunidade*, Lisboa 1990; Id., *Sistema e Interpretação em Espinosa*, Maia 1993; Id., *Mística e Filosofia. O Itinerário de Teresa de Ávila*, Coimbra 1990.

¹²⁶ M.B. Pereira, “Nota de Abertura”, in A.M. Martins e tal. (coord.), *Da Natureza ao Sagrado. Homenagem a Francisco Vieira Jordão*, Porto 1999, 9; Id., “De Bento de Espinosa à Ontologia. Um percurso interrompido”, *ibid.* 827-38.

¹²⁷ Cf. Diané Collinson and Kathryn Plant, *Fifty Major Philosophers*. Second Edition, London New York 2007.

proximidade temporal como o seu *fieri* ou, para o dizermos à boa maneira de Orígenes, “en gymnasía”¹²⁸.

Hoje, no início de um percurso quiçá de outros cem anos, o desafio do pensar enfrenta um novo precipício. Não o da actualização permanente, ainda não o das condições materiais (bibliográficas, de docência decente e de tempestiva investigação) que nos permitam um confronto equivalente com os nosso pares, mas sim o de, sem nunca se subestimar a densidade do pensar e o tempo próprio do meditar, mais uma vez por imposições alheias – destafeita um castrador e imponente tom financeiro e económico governador da mercantilização de todas as esferas do ensino, traduzido v.g. na impossibilidade da renovação docente –, em vez do profundo e ponderado rigor da âncora e da constante e inteligente leveza dos delfins ser-nos cerceada a contemplação humana ou humanizada do futuro e da novidade. Sem ela habitamos um “mundo fechado, pretensamente absoluto, previsor de tudo o que pode acontecer e cujas categorias são técnicas de domínio.”¹²⁹ Não podendo, nesta ocasião de comemoração, expender o que pensamos a este propósito, sempre diríamos que muito para além do dilema, aliás fatalmente armadilhado, entre universidade e pluridiversidade¹³⁰, o maior desafio da nossa disciplina enquanto contribuinte para o repensamento da FLUC e da própria Universidade passará sempre pela reivindicação da permanente transcendência crítica dos vários objectivos anunciados, a maior parte das vezes quimeras promissoras de pensamento e de futuro. Contra o encantamento da acção e da urgência que nos seduz, autênticos simulacros do pensamento, sempre diríamos que, em semelhante deserto tão povoado, só o pensamento nos salvará. De que nos serve afinal transformar, renovar ou modificar o mundo e a presente situação de “globalização neoliberal da Universidade” se não formos capazes de o – de nos – humanizarmos com e pela compreensão de tão desmedida ambição e pela vigilância sobre tão sedutora terra prometida?

¹²⁸ Descentrando-nos do corpo docente, haveria ainda que assinalar como ponto positivo os Programas Sócrates, e sobretudo Erasmus, pelo quanto vêm permitindo uma eventualmente experiência pessoal discente nos restantes países ou Universidades estrangeiras. Poderá ver-se periodicamente: <http://www.uc.pt/fluc/lif>

¹²⁹ M.B. Pereira, *Originalidade...* 40.

¹³⁰ Cf. Boaventura de Sousa Santos, “A Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade”, in <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf> (acedido em Novembro de 2010); também Boaventura de Sousa Santos & Naomar de Almeida Filho, *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*, Coimbra 2009. Já este artigo se encontrava no prelo e tivemos acesso aos utilísimos apontamentos de Miguel Real, *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010: O Labirinto da Razão e a Fome de Deus*, Lisboa 2011, onde, no entanto, se despreza muita da produção filosófica conimbricense actual.

Apêndice I

6.º Grupo. Secção de Filosofia (ano de 1911):

1.º ano:

Filosofia

Filologia Portuguesa

História Antiga

História Geral da Civilização

2.º ano:

Filosofia (sem.)

Língua e Literatura Alemã

História Medieval

História de Portugal

Etnologia (sem.)

Geografia de Portugal e Colónias (sem.)

3.º ano

História da Filosofia Antiga (sem.)

História da Filosofia Medieval (sem.)

Literatura Portuguesa

História Moderna e Contemporânea

Língua e Literatura Alemã

4.º ano

História da Filosofia Moderna (sem.)

Psicologia Experimental (sem.)

Estética; História da Arte

Filologia Clássica

Língua e Literatura Alemã

História das Religiões (sem.)

Apêndice II

Curso Superior de Letras (8 de Junho de 1859, por D. Pedro V):

História

Literatura Antiga

Literatura Moderna

História Universal Filosófica

Filosofia Transcendente

Apêndice III

Curriculum 1552-65	Curriculum 1565
<p>1º ano: 1º trimestre: <i>De terminorum introductione; Dialectica; Porphyrius, Isagoge.</i></p> <p>2º trimestre: <i>In Aristotelis Praedicamenta; Perihermeneias; Topica</i> (início).</p> <p>3º trimestre: <i>Topica</i> (até VII); <i>I-IV Ethicorum.</i></p> <p>2º ano: 1º trimestre: <i>Analytica Priora; VIII Topicorum; Analytica Posteriora</i> (início).</p> <p>2º trimestre: <i>Analytica Posteriora</i> (continuação e conclusão); <i>V-VI Ethicorum.</i></p> <p>3º trimestre: <i>VII-X Ethicorum; De sophisticis elenchis; I-II Physicorum.</i></p>	<p>1º ano: Dialéctica.</p> <p>2º ano: Lógica, Física e Ética.</p> <p>3º ano: Metafísica, Pequenos Naturais.</p> <p>4º ano (um semestre): A Alma.</p>

(Continua)

<p>3º ano: 1º trimestre: <i>II-VIII Physicorum</i>. 2º trimestre: <i>De coelo et mundo; De generatione et corruptione; Metaphysica</i> (início). 3º trimestre: <i>I-IV Meteororum; I-II De Anima; Metaphysica</i> (continuação). 4º ano: <i>III De Anima; Parva naturalia; Metaphysica</i> (conclusão).</p>	
--	--

Apêndice IV

<p>Estatutos de 1653 “Das cadeiras & leituras das Artes. Averá sempre quatro cursos em Artes, que lerão quatro lentes. E cada curso será de trez annos, & seis mezes: começando cada anno hũ curso do principio de Outubro, e achandose o derradeiro no fim de Março: & no ler delle se terá esta ordem. I. No primeiro anno se lerá Logica. Introducção, Predicaueis de Porphyrio, Predicamentos, & Perihermenias de Aristoteles: no segundo anno Priors, o que for necessário, Posteriores, Topicos, Elenchos, & seis liuros dos Physicos de Aristoteles. No terceiro anno, dous dos Physicos q ficão, os de Coelo, a Metaphysica, Metauros, & Paruos naturaes de Aristoteles. No quarto os de Generatione, & os de Anima, & das Ethicas, o que for mais necessário, não se trattando ex professo da doutrina da Primeira, & Segunda de S. Thomas. E porem pera as ditas Ethicas, poderá o Mestre escolher o ditto tempo, ou o fim do segundo anno. II. Em todos estes annos lerão sempre os Mestres o texto de Aristoteles dando as glosas que lhe parecer.”</p>

Apêndice V

<p>Estatutos Pombalinos (1772): Faculdade de Filosofia (Curso filosófico com 5 cadeiras em 4 anos): 1º ano: Filosofia Racional e Moral (Prolegómenos Gerais da Filosofia, História da Filosofia, Lógica, Metafísica e Moral). 2º ano: História Natural (Zoologia, Botânica, Mineralogia, História de Plínio). Geometria, na Faculdade de Matemática. 3º ano: Física Experimental 4º ano: Química</p>

Apêndice VI

<p>Decreto 18003 (25.02.1930): <i>Secção de Ciências Históricas e Filosóficas</i> 1º ano História da Antiguidade Oriental História da Antiguidade Clássica História da Filosofia Antiga Geografia Humana Psicologia Geral Epigrafia</p>

(Continua)

(Continuação)

2º ano

História Medieval
 História de Portugal
 História da Filosofia Medieval
 Lógica e Metodologia
 Paleografia e Diplomática

3º ano

História Moderna e Contemporânea
 História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa
 História da Filosofia Moderna e Contemporânea
 História Geral da Civilização
 Numismática

4º ano

História da Filosofia em Portugal
 Teoria do Conhecimento
 Psicologia Experimental
 Moral
 Arqueologia
 Estética e História da Arte

Apêndice VII

Decreto 5491 (2.5.1919):

*6º Grupo Ciências Filosóficas:**Cadeiras Anuais:*

Matemáticas Gerais
 Física Geral
 Química Geral
 Biologia
 Sociologia
 Psicologia
 Curso prático de Psicologia
 Teoria da experiência (Ciência, Arte e Moral)
 Metafísica

História da Filosofia Antiga

História da Filosofia Moderna e Contemporânea

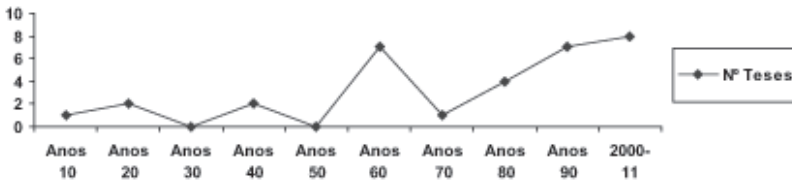
Cadeiras semestrais:

História da Filosofia Medieval

Curso prático de História da Filosofia (Leitura e interpretação de textos): 5 semestres

Apêndice VIII

Teses de doutoramento 1911-2011



Apêndice IX

1º ciclo de Filosofia (Plano de Bolonha):

1º semestre:

Filosofia Antiga

Filosofia do Conhecimento

História da Lógica

Metodologia do Trabalho Filosófico

Opção transversal

Opção livre

2º semestre:

Filosofia Medieval

Filosofia da Ciência

Lógica Simbólica

Filosofia em Portugal

Filosofia da Linguagem

Teorias da Argumentação

3º semestre:

Filosofia Moderna

Ética

Estética

Filosofia Social e política

Leitura de Textos Filosóficos I

4º semestre:

Filosofia Contemporânea

Temas de Ética

Temas de Estética

Temas de Filosofia Social e Política

Leitura de Textos Filosóficos II

5º semestre:

Hermenêutica Filosófica

Ontologia

Antropologia Filosófica

Opção Condicionada

Filosofia da saúde

Desconstrução

Seminário I

6º semestre:

Problemas de Fenomenologia Hermenêutica

Temas de Ontologia

Temas de Antropologia Filosófica

Opção Condicionada

Teoria da História

Seminário II

Apêndice X

Reforma de 1918 (Dec. Lei 4561 de 17 de Julho):

Psicologia geral, lógica e moral (bienio)
 História da Filosofia Antiga (semestral)
 História da Filosofia Medieval (semestral)
 História da Filosofia Moderna e Contemporânea (semestral)
 Psicologia experimental (anual)

Apêndice XI

Decreto 41341 (30.10.1957):

Secção de Filosofia

1º ano

Introdução à Filosofia

História da Cultura Clássica

História da Filosofia Antiga

Introdução à Psicologia

Teoria da História

2º ano

Lógica

História da Cultura Medieval

História da Filosofia Medieval

História da Arte

Disciplina de Opção

3º ano

Teoria do Conhecimento

História da Filosofia Moderna e Contemporânea I

História da Cultura Moderna

História da Cultura Portuguesa

História da Expansão Portuguesa

Disciplina de Opção

4º ano

Ontologia e Antropologia Filosóficas

História da Filosofia Moderna e Contemporânea II

Psicologia Experimental e Aplicada

História da Filosofia em Portugal

Disciplina de Opção

5º ano

Axiologia e Ética

Estéticas e Teoria da Arte

Seminário